

DUALIDADES E DICOTOMIAS NO ESPAÇO BRASILEIRO NA REVUE DE DEUX MONDES DO SÉCULO XIX: O BRASIL DIVIDIDO EM ESPAÇOS ANTAGÔNICOS

DUALITIES AND DICHOTOMIES IN BRAZILIAN SPACE IN THE REVUE DE DEUX MONDES OF THE 19TH CENTURY: THE BRAZIL DIVIDED INTO ANTAGONISTIC SPACES

Luis Fernando Tosta Barbato*
lfbarbato@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo entender como os viajantes que publicaram na Revue des Deux Mondes do século XIX contribuíram para a construção de uma das representações que ocuparam lugar de destaque na historiografia brasileira por longos períodos: a de um Brasil dividido entre uma área relacionada ao atraso e à barbárie e outra relacionada ao progresso e à civilização. Desta maneira, através desse artigo, buscaremos mostrar que os franceses que publicaram na Revue do século XIX contribuíram para a formulação dessas representações, uma vez que em seus escritos trouxeram a noção da existência de espaços selvagens e marcados pelo atraso, normalmente relacionados ao norte do país e às áreas do interior e do campo, em contraste com locais nos quais a civilização se desenvolvia, normalmente ligados ao sul do país e às regiões litorâneas e cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Brasileira; Revue des Deux Mondes; Relatos de Viajantes.

ABSTRACT: This article aims to understand how the travelers who published in the Revue des Deux Mondes of the 19th century contributed to the construction of one of the representations that occupied a prominent place in Brazilian historiography for long periods: that of a Brazil divided between an area related to delay and barbarity, and another related to progress and civilization. Thus, through this article, we will try to show that the French who published in the Revue of the nineteenth century contributed to the formulation of these representations, since in their writings they brought the notion of the existence of wild spaces marked by backwardness, usually related to the north of the country and inland and countryside, in contrast to places in which civilization developed, usually linked to the south of the country and coastal regions and cities.

KEYWORDS: Brazilian Historiography; Revue des Deux Mondes; Reports Travelers.

Recentemente, a historiografia brasileira tem dado uma maior atenção aos franceses e às suas contribuições para a formação do Brasil. Se antes eles estavam ocupando um lugar menor, em um segundo plano, se comparados a portugueses, italianos, alemães, ou mesmo aos ingleses,¹ nos últimos anos eles tem se tornado objeto de uma série de

*Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

¹ Segundo, Mario Carelli, esse aparente “esquecimento” dos franceses por parte dos historiadores brasileiros não é injustificado, afinal, as relações Brasil-França ocorreram de modo atípico, se comparadas aos países de origem desses que citamos: afinal, não foi a França quem exerceu o domínio político sobre o Brasil em seus tempos de colônia, papel esse desempenhado por Portugal; nos oitocentos, também, não foi a França quem exerceu a maior influência econômica sobre o Brasil independente, papel este desempenhado pela Inglaterra, e mais, não foi a França a principal exportadora de genes, marcados nas figuras de colonos europeus, inseridos na missão de branquear o Brasil do século XIX e início do século XX e de aproximá-lo assim cada vez mais do ideal europeu de civilização, papel esse a cargo da Itália e Alemanha (CARELLI, 1994, p.117).

estudos, que buscam evidenciar a importância que desempenharam na formação do Brasil, e na construção da identidade nacional brasileira.²

Segundo Mário Carelli, esse papel que os franceses vêm ocupando na historiografia brasileira não é injustificado, afinal, coube à França a exportação de ideias, algo que, no Brasil do século XIX, no seu afã de superar uma ultrapassada referência lusitana, e calcar-se nos ideais do progresso e da civilização, representados principalmente, e justamente, pela França, repercutiu de maneira profunda nos modos de como se pensar, e principalmente, nos modos de como se projetar uma identidade nacional brasileira, baseada nos ideais franceses de modernidade.

Dessa maneira, é certo que os franceses que publicaram na *Revue des Deux Mondes*³ foram importantes para a construção do pensamento social brasileiro no século XIX, inclusive podemos inferir que certas noções, presentes durante muitos anos na historiografia brasileira, foram trabalhadas na *Revue* já nesse período tão importante para a formação da historiografia brasileira. Talvez, dentre aquelas mais fortes e incisivas, estejam as que dividem o Brasil em dois “Brasis”, que podem aqui ter percepções múltiplas, sendo as mais usuais as que o separam em um do Sul, mais distante geograficamente do centro difusor da civilização que era a Europa, mas dicotomicamente mais civilizado, justamente pela maior aproximação cultural e social com a Europa e seus europeus – e, assim, mais propenso ao progresso –, e outro, do Norte, mais próximo geograficamente da Europa, mas ainda muito distante do ideal de civilização que esses europeus pregavam, ou ainda outro do litoral ou das cidades, fazendo as vezes do Sul dito anteriormente, mais civilizado, em oposição ao do sertão ou do campo, atrasado e distante da civilização.

Nesse sentido, o trecho a seguir, de Elisée Reclus, publicado na *Revue* do século XIX, nos serve como ponto de partida para darmos início a essa discussão:

²Sobre esse assunto, consultar, o artigo *A Revue des Deux Mondes e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira*, no qual é trabalhada a importância dos franceses para a formação da historiografia brasileira no século XIX.

³ Não me alongarei nas explicações acerca da *Revue de Deux Mondes*, pois já o fiz em outros artigos, sendo assim, àqueles interessados em conhecer de maneira mais profunda o periódico francês, consultar: *Representações e poder: análise da vinheta da Revue de Deux Mondes* ou o já citado *A Revue des Deux Mondes e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira*. Nos artigos *As novas ideias que vinham de Paris: A Imprensa Francesa no Brasil Oitocentista e a Revue des Deux Mondes*; e *O Brasil e os trópicos na França do século XIX: ideias sobre uma civilização tropical na Revue des Deux Mondes* também há referências que ajudam a compreender o que significou a *Revue des Deux Mondes* para a historiografia do século XIX, o que torna desnecessário nos alongarmos nessa questão aqui.

O império do Brasil se compõe de duas metades completamente distintas, as quais o Cabo de São Roque serve de limite comum. Esse promontório, que divide as águas do grande corrente equatorial e o parte em duas rotas marítimas fluindo em direções opostas, divide também o fluxo da civilização em duas inegáveis correntes. A parte meridional do Brasil é a mais distante da Europa, entretanto é ela que recebe os viajantes, os negociantes, os imigrantes, os mercadores, e está submetida à influência de nossos costumes; é ela que viu se erguerem as grandes cidades, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, e se agrupar toda a população brasileira mais ou menos civilizada. Ainda que relativamente mais próxima da Europa, a parte setentrional do império é, ao contrário, quase deserta, e suas capitais, Ceará, Paraíba, Maranhão, não são mais que cidades de segundo calão. A civilização europeia se propaga lá muito lentamente, e parece parar na entrada do magnífico estuário onde se dividem as águas do Tocantins e do Amazonas; não ousa penetrar nessa imensa bacia fluvial, a mais admirável e mais importante que existe sobre todo o globo (RECLUS, 1862, p. 931-932)⁴.

A ver pelas palavras de Reclus, imagens que foram perpetradas durante muitos anos na historiografia brasileira, que dividem o Brasil em duas – ou mais – partes, uma civilizada e outras às margens da civilização, já estavam presentes na *Revue*, nos idos do século XIX, e, a ver pela importância que esse periódico desempenhou na formação de nossa historiografia nesse período (BARBATO, 2017), não podemos negar sua importância para a consolidação e difusão de representações tão marcantes quanto essa sobre o Brasil.

O Norte *versus* o Sul, o Sertão *versus* o Litoral, o Campo *versus* a Cidade, enfim, esse ideal, de dividir o Brasil em duas partes antagônicas e dicotômicas, teria vida longa na historiografia do país, estando presente nas obras de uma série de consagrados autores brasileiros ou estrangeiros que escreveram sobre o País, como Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Silvio Romero, Graça Aranha, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Celso Furtado, por exemplo.

Aparecem, sempre, o sertão, o norte, ou o campo como espaços antagônicos ao litoral, ao sul ou à cidade, uma vez que os últimos elementos representam a civilização e a modernidade à moda europeia, enquanto as outras representam o atraso e o primitivo, marcadas pelo abandono dessas regiões pela civilização, que não teve meios de avançar como ocorreu nas outras partes do Brasil.

E essa noção de divisão do Brasil em espaços distintos e dicotômicos é, além do texto de Reclus, bastante forte em outros artigos da *Revue*. No trecho abaixo, de Émile Adêt,

⁴ Todos os trechos da *Revue de Deux Mondes* aqui apresentados foram traduzidos do francês pelo próprio autor do artigo.

fica mais uma vez clara essa divisão entre os corajosos habitantes do sul, oriundos dos primeiros colonos europeus que chegaram ao Brasil, e os habitantes do norte, indolentes pela sua própria posição geográfica – o que ressalta os preconceitos tropicais próprios dos oitocentos –, que são uma das causas para o progresso lento que a civilização europeia encontrava naquelas paragens:

A população do Brasil, - compreendendo-se mesmo os estrangeiros, os escravos e os indígenas – não se eleva além de 6 milhões de almas disseminadas sobre uma superfície de 129.295 metros geográficos quadrados. O português é a única língua falada de uma fronteira à outra do império. No entanto, essa comunidade de língua não apaga as diferenças notáveis que se nota entre os diversos elementos da sociedade brasileira. Ao sul do Rio de Janeiro, encontra-se nas províncias de Rio Grande e de São Paulo, populações que herdaram um pouco o espírito belicoso dos primeiros colonos europeus. Essas populações passam pelas mais entusiasmadas do Brasil. Ao norte da capital, os habitantes da província de Minas lembram as raças corajosas de Rio Grande. Enérgicas e robustas elas se consagram em cuidar do gado. Os pernambucanos são de humor muito móvel, doces, esforçados e servis, mas suscetíveis ao excesso sobre a questão de honra, o espírito revolucionário os domina, e os perde muito frequentemente. Entre os povos da Bahia e do Maranhão, mais próximos da linha equinocial, a indolência do crioulo é compensada através de felizes faculdades de aplicação que atestam lentos progressos, mas seguros da ordem dos trabalhos intelectuais. No Rio todas as nuances se misturam, confundem-se um pouco, e o caráter nacional ali prevalece sobre as diferenças provinciais (ADÊT, 1851, p. 1.083).

No trecho citado, fica mais uma vez clara a percepção de um Brasil dividido em dois, cabendo ao norte o papel do atraso no desenvolvimento do Brasil, como fica atestado ao tratar dos baianos e maranhenses, que, “mais próximos da linha equinocial”, acabavam por acarretar lentos progressos na ordem do trabalho intelectual. Aos poucos os franceses iam desenhando essa noção que ganharia força no Brasil, tanto do século XIX quanto do século XX, para não falarmos dos dias atuais.⁵

E essas questões, que trazem o sul do país como mais dotado das características para o desenvolvimento civilizacional, em contraposição ao norte, aparecem ainda de maneira mais sutil nos escritos da *Revue*, como nos elogios ao seu clima mais propenso ao assentamento dos europeus, o que o torna, assim, mais propenso ao progresso⁶ que se

⁵ Um exemplo do quanto essa visão ainda é marcante na sociedade brasileira da atualidade é a eleição presidencial de 2014, que expôs uma série de discursos de ódios direcionados às populações do Norte e Nordeste do Brasil (SILVA, 2016; SILVA, 2017; HOLANDA; SCANONI; SIQUEIRA, 2016).

⁶ “Vê-se, o Brasil será um excelente lugar para imigração europeia. Sem dúvida, os negros, acostumados ao clima da África, suportam mais facilmente o calor tropical que os europeus, é incontestável: os europeus têm,

comparado ao norte do país, ou nos estranhamentos das visões que remetiam ao progresso encontradas em regiões do norte do Brasil, como foi o caso dos aumentos dos ganhos que Auguste Cochin vislumbrou no quente e seco Ceará.⁷

Dessa forma, vai se definindo entre os franceses a noção de que havia um Brasil do sul, habitável, pronto para receber os europeus e seu progresso, um lugar no qual a civilização ia se desenvolvendo, em contraposição a um norte, quente, pestilento e bárbaro, que, apesar de mais próximo geograficamente da Europa, paradoxalmente se encontrava às margens da civilização, principalmente em virtude de seu clima, que dificultava a entrada do progresso vindo do Velho Continente, como fica evidente no trecho a seguir:

As regiões do extremo sul, que apenas possuem um clima temperado, encontram-se um pouco distantes das costas da Europa e, a partir do Capricórnio, aproximando-se do norte, a natureza parece acumular com prazer, todas as dificuldades que distanciam o homem, florestas inacessíveis, rios profundos, pântanos fétidos, febres mortais, bestas ferozes (D'ASSIER, 1864, p. 583).

Dessa maneira, a partir dos exemplos que trouxemos, podemos ver que uma das ideias que marcaram a historiografia brasileira durante longos períodos, e que até hoje tem seus resquícios na cultura brasileira, tem seu desenho já na *Revue des Deux Mondes* do século XIX, importante elemento para a formação da historiografia brasileira: o sul civilizado se opõe ao norte atrasado e bárbaro, no qual a civilização europeia parecia não ter força para suplantar o clima tórrido demais e vencer os caracteres negativos que séculos de clima tropical implicaram em suas gentes, selvagens, primitivas e preguiçosas. Tais representações, como afirmamos há pouco, marcariam nosso pensamento social e o próprio *ethos* da formação da identidade nacional brasileira, marcada por essa dicotomia.

contudo, imensas vantagens; se eles não podem trabalhar o mesmo tempo ao sol, se eles se esgotam mais rápido, em compensação, eles têm mais ânimo e inteligência. Mas não é todo o império que está confinado entre os trópicos. A província de Santa Catarina apresenta clima análogo ao da Itália, e ainda mais longe, na direção sul, encontra-se o céu das terras temperadas do norte da Europa. É certo que há grandes fortunas a fazer para os capitalistas europeus, aos quais se concederá lotes de terreno suficientes, que chegariam na posição de homens inteligentes, capazes de tirar proveito dos avanços da mecânica e do vapor" (ADÊT, 1851, p. 1.102).

⁷ "As províncias de onde os escravos foram levados para o sul, viram seus produtos aumentar; pode-se citar o Pará, cujas exportações não param de aumentar, e sobretudo, o Ceará. O presidente dessa província afirma, em um relatório de 1866, que mais de 4.000 escravos foram vendidos para outros territórios do império durante 1851, e que as receitas de sua província quadruplicaram durante o mesmo período, embora a capital do Ceará esteja situada a 3 graus ao sul, e que o território seja ordinariamente desolado pelo calor e pela seca." (COCHIN, 1871, p. 714).

Como dissemos, essas visões ficaram marcadas na historiografia brasileira, sendo o “norte” do Brasil – que abarcava principalmente até a década de 1950, as regiões Norte e Nordeste da atual divisão territorial do Brasil de maneira quase indiferenciada –, uma região aquém do eixo de acumulação capitalista que se desenvolveria no centro-sul (VIEIRA, 2004a, p. 12).

Essa tese de um Brasil dividido, formado por dois polos distintos, sendo o norte marcado pelo atraso, seria mais bem delineada com o trabalho de Jacques Lambert, na década de 1950, que traz a questão do norte atrasado (ou o interior atrasado, do qual trataremos a seguir) como uma região que pouco recebeu das benesses estrangeiras, estando no seu isolamento – aqui principalmente em relação aos europeus, em uma ideia muito similar a dos viajantes da *Revue* que trouxemos – a origem para a condição tão díspar que distanciava o sul, desenvolvido e civilizado, do norte atrasado e inculto, mostrando o poder dessas representações presentes ainda no século XIX, nas páginas da *Revue*:

[...] pequenas comunidades, esparsas pelo interior ou agrupadas perto da costa, em torno das fazendas coloniais, separadas umas das outras e todas isoladas do estrangeiro, resistiam à mudança da mesma forma que as comunidades campestres indígenas de outros países. No decorrer do longo período de isolamento colonial, formou-se uma cultura brasileira arcaica que conserva ainda a marca da escravidão e do século XVI, uma cultura que, com suas tradições e suas rotinas, mantém dentro do isolamento que ainda perdura a mesma estabilidade que as culturas indígenas da Ásia ou do Oriente Próximo. [...] Em contraste com essa cultura arcaica, principalmente, mas não exclusivamente rural, a atividade dos habitantes de São Paulo e, em seu redor da maior parte dos Estados do Sul, acarreta a formação de uma outra sociedade, muito mais móvel e evoluída, que, sendo a sociedade dominante do Sul, se projeta aos poucos por toda parte, sobretudo nas grandes cidades. O afluxo de imigrantes europeus, arrancados do seu meio de vida e trazendo novas técnicas e modos de vida, o desenvolvimento de novas formas de agricultura, a criação de uma grande indústria, a concentração de capitais nacionais e estrangeiros, o desenvolvimento dos transportes, tudo contribui para unir numerosas populações em uma vasta sociedade em constante evolução (LAMBERT, 1978, p. 102)⁸.

⁸ Poderíamos aqui, nesse mesmo sentido da divisão do Brasil em espaços dicotômicos, marcado pelo antagonismo Norte *versus* Sul – mas não só esse – os dizeres de Roger Bastide, outro que ajudou a confirmar essa noção: “Todos os contrastes de terra e vegetação, de raça e de etnias, de costumes e de estilos permanecem brasileiros. Todas as oposições de velocidade e lentidão não impedem que o tempo, que ora parece estagnar preguiçoso, ora se precipita para o futuro, seja sempre o mesmo tempo brasileiro. Até agora, foi focalizada a harmonização de contrários, água e fogo, açúcar e café, litoral e sertão, e verificou-se que as civilizações antagônicas, a do gaúcho no Sul e a do vaqueiro no Norte, a do fazendeiro e a do industrial, a do negro e a do imigrante, são antes complementares do que antagônicas. Mas há uma unidade mais profunda do

Seguindo nesse mesmo sentido, de marcação do Brasil formado por duas partes distintas, a partir da década de 1950, os estudos da CEPAL, que passaram a delimitar de maneira mais clara o Nordeste do norte do país, acabaram por reforçar essa tese. Pois, o nordeste do Brasil, mesmo já distinto do norte amazônico, era tratado de uma maneira homogeneizante, marcada pelo atraso econômico e pelo anacronismo político-social, contrastando com a modernidade capitalista do centro-sul. Nos termos consagrados das teses cepalinas, nos “dois Brasis” antagônicos que se configuravam, cabia ao nordeste o polo atrasado, sendo a região vista como um empecilho ao projeto de construção de um Brasil moderno, o que pode ser entendido aqui como um país desenvolvido e industrializado, à maneira de seu polo de oposição, que era o centro-sul do país (VIEIRA, 2004b, p.56).

Assim, Celso Furtado manteve essa divisão do Brasil em dois polos,⁹ em seus estudos acerca do nordeste brasileiro, corroborando que esse “norte inculto” ainda possuía vida longa em nossa historiografia.

Assim percebemos que a noção de um sul distinto, justamente por sua civilização, tão presente em nossa historiografia, juntamente com uma série de outras representações, como observamos, pode ser encontrada já em meados do século XIX, nas páginas da *Revue*, ressaltando a força que as ideias francesas desempenharam não só no Brasil do século XIX, mas ainda em períodos mais alongados do século XX.

Outro ponto marcante e relacionado com a questão exposta acima, de um Brasil dicotomicamente dividido e evidenciado pelos viajantes, que acabou por ganhar vida longa em nossa própria representação sobre o País, foi a dualidade representada entre o interior do país e o litoral/cidades, servindo o primeiro como contraponto bárbaro e atrasado à civilização do segundo.

Nos relatos presentes na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil, em geral ao interior cabia o lugar do atraso, justamente por ser a civilização europeia nele tão ausente, em virtude de seu isolamento e das distâncias aos grandes centros, esses sim, lugares nos quais essa tão cara civilização chegava com maior facilidade. Dessa maneira, os escritores da

que a da simples complementaridade entre elas; por toda parte, são encontrados os mesmos problemas fundamentais, impostos pelo meio geográfico ou herdados da história” (BASTIDE, 1971, p. 232).

⁹ Não há apenas uma obra na qual Furtado traz essa divisão, mas esse antagonismo entre sul e norte, aqui tomados em um sentido amplo, pode ser encontrado em uma série de obras e documentos elaborados pelo economista. Cf. FURTADO, 1961; FURTADO, 1974; FURTADO, 1959.

Revue também trouxeram a noção do interior do Brasil como o lugar do atraso, imagem que resultaria em impressões bastante fortes no decorrer dos anos no pensamento social brasileiro:

Não é fácil de adquirir um conhecimento exato e completo do estado do Brasil. Para estudar o país e os habitantes, não basta passar uma estadia, mesmo que prolongada, nas cidades principais: é preciso entrar no interior do país, onde apenas parte da influência europeia chegou; é lá que se aprende a conhecer a população, é lá também que se dá conta dos numerosos e diversos obstáculos que impedem neste império o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização (CHAVAGNES, 1844, p. 66).

A ver pelo trecho de Chavagnes, podemos notar essa noção de que era no interior que essa questão da penetração apenas superficial da civilização se mostrava mais problemática. Ao contrário das cidades, aonde, na concepção daqueles viajantes europeus, bem ou mal, a civilização chegava nos navios, nos livros e nas pessoas vindas do Velho Continente, o interior era marcado pelo atraso, e era nele que estavam os principais obstáculos para o desenvolvimento do Império brasileiro, e, nesse sentido, de colocar um interior atrasado e problemático, que dificultava o assentamento mais profundo da civilização europeia no Brasil, Chavagnes não é o único a mostrar essas mazelas; diversos outros viajantes seguiram na mesma direção, colocando essa vasta região do país no lugar que lhe cabia nos anais do pensamento social brasileiro do século XIX e início do século XX.

Castelnau ressalta as precariedades do interior do país, deixando claro que essas regiões não eram civilizadas, ao relatar as dificuldades que aqueles acostumados a elas encontrariam em suas andanças,¹⁰ que a barbárie que encontrou no interior do Brasil em suas viagens contrastava com civilização que encontrara na costa brasileira, salientando mais uma vez essa representação dicotômica que dividia o Brasil em duas imagens antagônicas:

Infelizmente, enquanto que a civilização se expande na costa do Brasil, a barbárie toma conta de todo o interior: os selvagens expõem em toda parte sua soberania primitiva; as plantações, as próprias cidades são atacadas e queimadas, e os habitantes que escapam desses massacres se apressam em deixar os lugares em que suas vidas estão continuamente em perigo (CASTELNAU, 1848, p. 204).

Dessa maneira, dentro da *Revue* se desenha esse quadro que coloca o interior do Brasil como espaço antagônico ao litoral/cidades, lugar de atraso que representa os

¹⁰ “Os que percorreram regiões civilizadas, onde existem meios regulares de transporte, não fazem ideia das dificuldades que permeiam uma expedição ao interior do Brasil.” (CASTELNAU, 1848, p. 200).

verdadeiros desafios para um Brasil civilizado, visto que, se mesmo nessas regiões às quais as luzes da civilização chegavam, os problemas eram muitos, como observamos, no interior eles eram multiplicados. E ações mais enérgicas precisavam ser colocadas em prática, já que toda essa enorme região também era Brasil e também precisava ser integrada à civilização europeia que desembarcara no Novo Mundo, segundo esses europeus oitocentistas.

Visto como lugar de um desconforto conflitante com a civilização,¹¹ habitado por pessoas ignorantes¹² ou como palco da nova vida para os derrotados nas lutas entre as raças,¹³ o interior é retratado quase sempre¹⁴ sob um viés de inferioridade, marcado pela distância da civilização.

Dentro desse imenso país, toda essa extensa área representava o inculto e o primitivo e era onde os triunfos da civilização se mostravam mais timidamente:

Essa excursão sobre o Araguaia, ofertava-nos como um resumo das fadigas e dos perigos de toda espécie que aguardavam o viajante sobre os rios inexplorados e nas florestas virgens do Brasil. Podíamos nos convencer que a ausência quase total das vias de comunicação é o maior obstáculo que se opõe ao progresso da civilização nos territórios longínquos. Infelizmente, muitos poucos esforços foram tentados até esse dia para superar esse obstáculo, e alguns incidentes da nossa excursão sobre o Araguaia provaram o suficiente qual é a apatia dos brasileiros para aquilo que toca aos elementos mais essenciais da prosperidade de um grande país. Seria

¹¹ Como fica claro no trecho, o autor diz que a ciência pode levá-lo ao interior do país, onde os hábitos e costumes europeus já não podem ser encontrados: “Do resto, não viajaremos de forma diferente. É graças a essa vontade brasileira, tão atenta e tão cortês, que uma exploração de artista se torna possível em seus territórios recuados. O viajante vai de fazenda em fazenda, cavalgando em pequenas jornadas, encontrando a cada dia novos objetos de estudo, os tratamentos mais simpáticos e os mais desinteressados, e muitas vezes os confortos e os hábitos da Europa. Mas se provocado pelo demônio da ciência, ele se afunda nas florestas do interior.” (D’ASSIER, 1864, p. 550).

¹² “O verdadeiro remédio para tal situação estará em um melhor regime de ensino que infelizmente falta. Se Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Paulo têm durante alguns anos os cursos de direito e de medicina, é preciso acrescentar que a população do interior padece na ignorância mais deplorável” (D’ASSIER, 1863a, p. 87).

¹³ “O índio da costa oriental é inteiramente insubmisso à civilização. Como a onça, ele recua ao isolamento a medida que o machado europeu penetra em suas florestas” (D’ASSIER, 1863b, p. 555).

¹⁴ Falamos isso porque há alguns pouquíssimos elogios a toda essa parte do Brasil na *Revue*, como, por exemplo, nos dizeres positivos de Saint-Hilaire, que traz o interior como magnífico e incompreendido pelos viajantes europeus, sendo que também era lugar de gentes laboriosas: “Mas essas diversas relações [de Thevet, Hans Staden, Abeville, entre outros que descreveram o Brasil e suas gentes] não descreviam nada além do litoral, as magnificências do interior ficavam completamente desconhecidas. No entanto, homens empreendedores, começavam a remontar os rios, as solidões imponentes do deserto” (SAINT-HILAIRE, 1831, p. 408); ou ainda: “No entanto, o interior do Brasil, tinha visto se desenvolver uma população laboriosa; cidades florescentes foram ali erguidas, e, coisa inacreditável! O interior era menos conhecido da Europa que as cidades da Índia ou da China, sobre as quais os missionários davam, periodicamente, alguns ensinamentos. A ignorância estava tão completa em tudo aquilo que tinha relação com essa imensa parte do Novo Mundo, que os geógrafos esqueciam, algumas vezes, de falar da província de Mato Grosso, e o Mato Grosso é maior do que a Alemanha inteira!” (SAINT-HILAIRE, 1831, p. 410).

para se desejar que, tomando exemplo dos viajantes europeus, os brasileiros se decidiam enfim a estudar seriamente o vasto domínio que eles dividem ainda com a barbárie. Não é o suficiente para explorar, como eles o fazem, algumas partes de um imenso território: é preciso estabelecer relações acompanhadas e fecundas entre essas diversas regiões separadas até esse dia, por florestas e planícies incultas. Hoje, nós dizemos, é para o naturalista e o poeta que o Brasil tem, sobretudo, charme: é a natureza inculta que se vem aqui estudar. Seria tempo em que ali se pôde admirar também a ação bondosa da indústria, do trabalho e o triunfo completo da civilização (CASTELNAU, 1848, p. 223).

E imagens como a vista acima, na qual o interior do Brasil se mostrava apenas como natureza, o que resultava no interesse apenas por parte dos naturalistas, não como lugar da indústria, do trabalho e da própria civilização, ganharam vida longa em nossa historiografia, ressaltando mais uma vez a importância que essas dualidades retratadas pelos viajantes da *Revue* tiveram em nosso pensamento social, mostrando, mais uma vez, o papel fundamental das representações trazidas pelos viajantes franceses nas próprias formulações das representações sobre o Brasil, reforçadas pelos brasileiros.

E nessa imagem se via a nação brasileira sob a ótica de uma conquista territorial incompleta, na qual focos de civilização e progresso conviviam com imensos vazios demográficos, evidenciando a existência de dois “Brasis” dentro do Brasil: um como lugar de uma civilização imperfeita que ia se assentando, e outro como lugar da barbárie e do abandono. Como nos trouxe Sena, “a imaginação social brasileira e nossa própria experiência de brasilidade tem-se construído, pelo menos desde o século XIX, em torno da imagem e do sentimento de que o Brasil é um país dual” (SENA, 2003, p. 1), sendo essas dualidades representadas nas mais diversas nuances, dentre as quais uma das mais fortes era a de interior/sertão. Vale aqui ressaltar a importância da *Revue* na formação dessas representações.

Dentro dessa *cartografia imaginária* do Brasil, a comparação foi forjando e definindo hierarquias e classificações, sendo essa ambivalência uma das tônicas mais importantes da nação brasileira em finais do século XIX e inícios do século XX, representadas muito exemplarmente n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha, que retratava as mazelas de um povo considerado inferior geneticamente e abandonado à sua própria sorte, cabendo ao governo brasileiro – seja monárquico, seja republicano – a árdua tarefa de levar as luzes a

esse povo,¹⁵ estando aí um de seus mais difíceis desafios, nessa busca por uma nação civilizada.

Assim, podemos observar que os franceses, dentro de um pensamento de origem europeia, como um todo, foram elementos importantes para a formação do próprio pensamento social brasileiro, visto que algumas das representações por eles difundidas, e vale ressaltar, de grande impacto no cenário nacional oitocentista, como vislumbramos no decorrer do trabalho, acabaram servindo como alguns dos alicerces sobre os quais se consolidou.

As visões que traziam um Brasil lindo e rico por sua natureza, mas bárbaro e rude, habitado por povos inferiores e ainda muito distantes daquilo que era um ideal de civilização, tão disseminadas nos escritos franceses, também acabaram por ter vida longa nos escritos brasileiros. Mesmo aqueles primeiros escritores preocupados em criar uma identidade nacional para o Brasil, que deveria trazer a jovem nação americana como única e motivo de orgulho para o seu povo, não deixaram de se preocupar sobre o nefasto quadro social, de origem mesológica e racial, que os franceses descreveram em suas observações *in loco* no Brasil do século XIX.

Assim, podemos afirmar que os escritos franceses estão na base do pensamento social brasileiro oitocentista, seja no momento da definição das hierarquias, as quais, por mais que houvesse paixões em contestá-las por parte dos brasileiros, estavam demais arraigadas para serem negadas, seja no momento da própria construção imaginária do Brasil, dividindo-o em dualidades contrastantes, tanto no sentido norte *versus* sul quanto no sentido cidade *versus* campo ou litoral *versus* interior, sendo uma delas sempre colocada como espaço da civilização e do progresso que contrasta com os espaços do primitivo e do atraso. Categorias essas que marcariam de modo incontestado a historiografia brasileira, desde o século XIX até períodos avançados do século XX, e que ainda não deixam de ter sua força nas representações acerca do Brasil, mesmo nos dias de hoje.

¹⁵ Podemos citar aqui a missão comandada pelo Marechal Rondon, durante o governo de Afonso Penna, para instalar linhas telegráficas que interligassem o Brasil ao seu interior, ou mesmo a construção de Brasília, já em meados do século XX, o que ressalta essa noção de uma eterna missão de o Brasil olhar para o seu interior, para integrá-lo final e efetivamente à nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÊT, Émile. L'Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. A *Revue des Deux Mondes* e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. V.1, n. 47, 2017.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. As novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil oitocentista e a *Revue des Deux Mondes*. *MÉTIS: história & cultura*, v. 13, n. 25, 2014.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. O Brasil e os trópicos na França do século XIX: ideias sobre uma civilização tropical na *Revue des Deux Mondes*. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*. v. 3, n. 4, 2013.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. Representações e poder: análise da vinheta da *Revue des Deux Mondes*. *Estudios Históricos – CDHRPyB*. Año VIII, n. 17, Diciembre 2016.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difel, 1971.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.

CASTELNAU, Francis. “L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud”. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.

CHAVAGNES, M.L. de. Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844.

COCHIN, Auguste. L’abolition de l’esclavage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1871.

D’ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La cidade. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863a.

D’ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863b.

D’ASSIER, Adolphe. Le mato virgem, scènes et souvenirs d’un Voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864.

FURTADO, Celso. *A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha; SCANONI, Sabrina Ramires; SIQUEIRA Vanessa Ferreira. A culpa é do Nordeste? As eleições de 2014 e a repercussão de matérias jornalísticas nas redes sociais. *Âncora: Revista Latino-americana de jornalismo*. vol.3, n.2, jul./dez. 2016

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. São Paulo: Nacional, 1978.

RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Tableau de dernières révolutions du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. III-IV, 1831.

SENA, Custódia S. *Interpretações dualísticas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Análise semiótica de mapas das eleições presidenciais de 2014: fraturas no discurso da identidade nacional. *Revista do GELNE*, v. 19, n. Especial, 2017.

SILVA, Yane Marcelle Pereira. “Esses nordestinos...”: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014. 2016. [149] f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

VIEIRA, Rosa Maria. Celso Furtado – A Construção do Nordeste. *Relatório de Pesquisa - FGV-EAESP/GV*, n. 24, 2004a.

VIEIRA, Rosa Maria. Celso Furtado e o Nordeste no pré-64: reforme e ideologia. *Projeto História*, São Paulo, v. 29, tomo I, 2004b.